

Apresentação do Dossiê Racismo no Plural nas Américas: povos indígenas e afro-indígenas

Cecilia McCallum^a
Eduardo Restrepo^b
Edwin B. Reesink^c

A ideia do Dossiê *Racismo no Plural nas Américas: povos indígenas e afro-indígenas* partiu da constatação de que o conceito brasileiro de *raça*, a racialidade em termos mais teóricos, hoje recebe muito pouca atenção na sua relação com a etnicidade dos povos indígenas, a indianaidade, ou seja, os modos de ser ‘índio’ e a ideologia étnica brasileira, com a sua discriminação étnica e racial. Há uma longa história no Brasil, em que os conceitos de *raça* (pautados em termos que referem, sobretudo, a afro-descendentes, como ‘negro’) e de *etnia* (quando referir ao constructo ‘índio’) se desenvolveram em linhas paralelas, e mais raramente, se cruzaram. Embora de um modo tímido, recentemente esse debate começa a ser revisto em termos do paralelismo histórico e do cruzamento teórico mais sustentado e potencialmente fértil dos dois campos da racialidade/eticidade. No entanto, o papel dos ra-

a Professora do Departamento de Antropologia e da Pós-Graduação em Antropologia (UFBA). Email: cecilia.mccallum@uol.com.br.

b Professor Associado do Departamento de Estudos Culturais da Universidad Javeriana de Bogotá (Colômbia). Email: eduardoa.restrepo@gmail.com.

c Professor Titular do Departamento de Antropologia e Museologia e da Pós-Graduação em Antropologia (UFPE). Email: edwin.reesink@ufpe.br.

cismos anti-indígenas ou anti-afro-indígenas não parece ser suficientemente explorado. Nos discursos promovidos na mídia, na educação e nas políticas governamentais, proliferam-se imagens e narrativas sobre ‘os índios’ que sustentam a presença latente, e a frequente eclosão explícita, de uma discriminação racial na população não-indígena. Em outubro de 2017, por exemplo, um estudante não-indígena escreveu uma carta para uma colega indígena, no Acre, em que diz: *Não sei quem teve a brilhante ideia de misturar pessoas normais com índios. Porque raça nojenta é essa.*¹ Nesse contexto, torna-se imprescindível e urgente o desenvolvimento de uma discussão antropológica, na etnologia dos povos indígenas, sobre os racismos sofridos, cuja potencialização e prolongamento serão continuados, caso não haja maior investimento no estudo desses fenômenos. Pelo que podemos oferecer aqui ao leitor desse Dossiê, ficará claro que há importantes campos etnográficos, questões teóricas e práticas variadas no Brasil, que certamente merecem maiores aprofundamentos no futuro.

Os cinco artigos que compõem este Dossiê podem ser divididos em duas perspectivas: a primeira, de valor histórico com implicações contemporâneas, é composta pelo primeiro artigo *Olhos Miúdos e Olhos Graúdos em Massacará: a ideologia étnica*, de autoria de Edwin Reesink. O texto se propõe a descrever a terminologia, as identificações e as relações entre *caboclos* e *portugueses*, maneira como se denominam regularmente os dois lados em oposição na região de Massacará, no município de Euclides da Cunha (BA), existentes em um presente etnográfico específico da história do povo Kaimbé, quando o autor fez pesquisa de campo na década de 70. O texto apresenta um valor histórico por ser um dos primeiros a discutir a questão de conteúdos de noções de raça e etnia na construção de preconceitos anti-indígenas.

A segunda perspectiva, que consideramos como uma abordagem contemporânea, é composta dos quatro artigos seguintes do Dossiê. Estes, por um lado, mostram como o Brasil mudou, nesse período de quarenta anos que separa o contexto atual daquele descrito no artigo de Reesink; por outro, demonstram as linhas de continuidades com

aquele ao revelar como a problemática do primeiro artigo permanece atual. Assim, o artigo *Racismo Contra Indígenas: reconhecer é combater*, de Kércia Peixoto, tenta enfrentar a questão no baixo Tapajós, Santarém (PA), em especial, no que tange aos estudantes indígenas na Universidade Federal do Oeste do Pará. O artigo mostra como existem preconceitos e discriminações diversas, e como a noção de racismo dificilmente entra nas avaliações das pessoas indígenas de situações discriminatórias. Situações discriminatórias que, aliás, existem em escala considerável e em variados contextos. Esse artigo visualiza, ainda, uma pequena mudança no sentido de transformação da percepção da presença de alguma espécie de fundo racializada, em que, talvez, se detecta a possibilidade de uma tendência futura crescente.

O artigo de Katiane Silva, *A Construção Política da Identidade em Contextos de Sobreposição de Áreas Protegidas e de Violência Contra Povos Indígenas e na Amazônia*, aborda um conflito envolvendo pessoas indígenas na região de Tefé, mais ou menos na área de confluência do Solimões com o Japurá, também sofrendo de preconceito de sua indianidade, em conflito com questões de proteção ambiental amazônica. No caso em questão, do lado protecionista, trata-se da área de Mamirauá, uma grande área de proteção ambiental bastante conhecida. Ainda levando em conta a história seringalista, o artigo mostra como discriminação e violência faz parte de uma longa história na região. Nesse sentido, o exemplo ilustra também como as sobreposições de áreas foram, e certamente serão por muito tempo, um ponto de vários tipos de conflito entre povos indígenas e a sociedade nacional.

No artigo, *'Se Fantasiar de Índio é Fácil, Ser Índio é Difícil, Tem que Estudar Muito': vivências indígenas na cidade do Rio de Janeiro*, de Camila Bevilaqua, mudamos do cenário amazônico para a cidade grande do Rio de Janeiro. Embora a presença indígena nas cidades não seja de forma alguma um fenômeno recente, tendo sido também já estudado, isto foi pouco feito de um ponto de vista de como se movimentam, mantêm e recriam a sua indianidade, num contexto de uma cidade de tal escala. O artigo, assim, trata de como se pensam nesse encontro em

termos de ser índio, de como se relacionar, ou se opor, às suas outras ascendências (em especial quando negra), e o modo sociocultural de ser num ambiente fora da aldeia, que sempre tem sido o locus socialmente dado como preferencial para o 'índio' e a indianidade. Para tal, a autora relata e analisa alguns casos, procurando esclarecer a complexidade e criatividade da indianidade na situação citadina.

No artigo final do Dossiê, *Práxis Antirracista, Descolonização das Mentes e a Questão Indígena em uma Instituição Federal de Ensino Superior do Sertão Pernambucano*, de Paula Santana, procura-se pensar o que se pode fazer contra o racismo e os preconceitos que justificam os comportamentos discriminatórios. O artigo aponta que, apesar da lei de ensino de história e cultura indígena e africana/afrobrasileira já existir há algum tempo, esta deveria estar em prática de uma forma mais eficiente. A autora adota, assim, uma metodologia de estudo de caso com um grupo de discussão, com pessoas em nível universitário, no interior de Pernambuco, para tentar aferir melhor os efeitos que disciplinas dessa natureza podem ter contra preconceitos arraigados. O artigo demonstra que, apesar dessas fazerem refletir os participantes, elas não parecem ser suficientes para sobrepor todo um conjunto de noções fortemente estabelecidas no senso comum.

No conjunto dos artigos do Dossiê, avaliamos que os quatro artigos contidos na perspectiva contemporânea mostram uma parte da complexidade etnográfica brasileira que está, como se evidencia bem, em constante movimento criativo, enquanto que, ao mesmo tempo, a racialidade e a etnicidade indígenas parecem demonstrar significativas continuidades cognitivas e afetivas, com certa sistematicidade. Em termos propositivos, seguramente há uma tarefa importante e esclarecedora em proceder com uma comparação sistemática com o resto da América Latina. Em conclusão, consideramos que as continuidades, em si mesmas também sempre recriadoras, assim como certas mudanças socioculturais e ideológicas em curso, parecem evidenciar tendências que se reforçam ou se contradizem em uma dinâmica complexa, em muitos diferentes e variados locais e contextos. Estes ainda preci-

sam de muito mais pesquisas e análises antropológicas, para construir uma etnologia mais ampla dos povos indígenas. Neste sentido, este Dossiê se propõe a apresentar, assim, um dos primeiros esforços de um movimento coletivo mais sistemático, em busca de respostas para essas demandas etnográficas.

Nota

¹ Carta publicada em matéria online no dia 21/10/2017, em que também diz para ela deixar de *ser essa cabocla nojenta e imunda* (i.e., usa tanto *cabocla* quanto *índio* para a pessoa). (www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/universitaria-indigena-recebe-carta-racista-lugar-de-indios-e-dentro-de-buraco/; acesso em 21/10/2017). A questão, obviamente, é: qual é o significado da categoria *raça* que causa essa reação virulenta?